

MOSAICO

apóio pastoral

:: NESTA EDIÇÃO ::

Editorial

Antonio Carlos S. dos Santos
e Luana Martins Golin
pág. 2

Cristo empreendedor ou servo?

Texto: João 13
Renato Cunha Silva
pág. 3

A igreja e os Direitos Civis

Fagner Pereira dos Santos
pág. 6

A consciência é negra: porque a pele, bem como a alma, é negra também!

Lídia Maria de Lima
pág. 10

À propósito dos 500 anos da Reforma Protestante

Armando Marcos Pinto
pág. 12

Proposta de Culto para Dia da Reforma Protestante

pág. 18

Natal para hoje: tempo de renascimento

Isabel de Sousa Pena Forte

pág. 18

Eis uma história...

Texto: Gênesis 6. 7-10
Antonio Carlos S. dos Santos
pág. 18

Ano novo

Luiz Carlos Ramos
pág. 18

Culto de Renovação do Pacto

pág. 30



500 anos da
Reforma Protestante

Editorial

Com grande alegria estamos oferecendo a *MOSAICO APOIO PASTORAL* deste segundo semestre de 2017. Segunda parte do ano sempre nos remete à reflexão, pois, mais um ano se aproxima do fim e outro prestes a iniciar. O que aprendemos no ano que se vai? Quais expectativas nos toma no novo ano a chegar? Assim vamos caminhando e refletindo. Neste número temos, como sempre, ótimas reflexões! Lembramos do Dia Nacional da Consciência Negra, lembramos do Natal.

Refletimos acerca do ano que virá e as mudanças esperadas. Aprendemos um pouco mais sobre as maravilhosas atitudes de Jesus e para isso trazemos à lembrança do Lava pés no Evangelho de João. E para celebrar os 500 anos da Reforma Protestante presenteamos aos leitores e leitoras com um sermão de Martinho Lutero e uma Liturgia para o dia da Reforma. Portanto, vamos lá... boa leitura!

*Antonio Carlos S. dos Santos
Luana Martins Golin*

Mosaico Apoio Pastoral

Ano 25, nº 55, julho-dezembro de 2017

Faculdade de Teologia da Igreja Metodista / Universidade Metodista de São Paulo

Reitor da Universidade Metodista de São Paulo: Paulo Borges Campos Jr.
Diretor da Faculdade de Teologia:
Paulo Roberto Garcia

Conselho Diretor

Wesley Gonçalves Santos (4^a RE)
Presidente
Lia Hack da Rosa (2^a RE)
Vice Presidente
Claudia Nascimento (3^a RE)
Luciano José Martins da Silva (5^a RE)
Almir Lemos Nogueira (1^a RE)

Suplentes:

1º – Ewander Ferreira de Macedo (7^a RE)
2º – Eni Domingues (6^a RE)

Bispo Assistente
Revmo. Bispo João Carlos Lopes

Comissão Editorial

Blanches de Paula
Eber Borges da Costa (Coordenador da Editeo)
Helmut Renders
João Batista Ribeiro Santos
José Carlos de Souza

Responsável por essa edição:

Editores:
Antônio Carlos S. dos Santos
Luana Martins Golin
Assistente Editorial: Fagner Pereira dos Santos

Revisão:

Antônio Carlos S. dos Santos
Luana Martins Golin
Capa: Fagner Pereira dos Santos
Editoração eletrônica: Maria Zélia Firmino de Sá

Mosaico

Apoio Pastoral EDITEO

Caixa Postal 5151, Rudge Ramos,
São Bernardo do Campo, CEP
09731-970
Fone: (0_11) 4366-5958
editeo@metodista.br

Editorial

Cristo empreendedor ou servo?

Texto: João 13

RENATO CUNHA SILVA



Fazendo uma análise bem superficial de algumas ideologias e teologias de nosso tempo, podemos perceber que existe uma ênfase exagerada no sucesso, e afirmando que o sucesso é. Quanto mais pessoas estão sob a nossa ordem mais sucesso temos, quanto maior o número de funcionários tem na nossa empresa, ou na comunidade que exercemos o nosso ministério mais podemos demonstrar o nosso sucesso.

Alguns como Leandro Kernal afirmam que já dispomos de uma teologia de empreendedorismo, em que o sucesso é o céu e o inferno, é a falência ou insucesso.

Contudo o texto de João 13, em específico, a parte do lava-pés que queremos nos ater, propõe um tipo de cristianismo, não tão empreendedor assim, mas o sucesso está em fazer o que o mestre fez, e não sucesso em ter uma vasta membresia, ou funcionários a sua disposição.

Entretanto buscando no texto de João 13, encontramos credibilidade para poder afirmar que o sucesso do cristão é seguir o que Cristo ensinou.

De acordo com KONINGS o evangelho de João pode ser dividido em dois livros: o livro dos sinais (1-12) e o livro da hora ou livro da glória (13-18), no capítulo 13 Jesus sabe que é chegada a sua hora, sendo assim como todas as pessoas fazem, percebendo que está vivendo seus últimos momentos reúne seus parentes e/ou discípulos, para terem sua última reunião, e aconselhar os filhos ou discípulos etc.

Segundo CHARPENTIER este é um gênero literário chamado: discurso de despedida bem conhecido no Antigo Testamento e na literatura judaica (Gn 49; II Rs 2; Tobias 4.14).

*Cristo
empreendedor
ou servo?*

Neste capítulo também percebemos sua narrativa num ambiente de ceia, mas a centralidade do texto está no ato ou gesto de lavar os pés. Uma prática comum entre os judeus, e os povos circunvizinhos, contudo a ordem está invertida, a higienização dos pés e mãos ocorria antes de se assentar à mesa, porém a lavagem dos pés em João 13, é feita “durante a ceia” (Jo 13.2).

Onde Jesus e os discípulos estão partilhando de si. De acordo com Crossan, estar à mesa e compartilhar alimento são o mesmo que compartilhar o seu próprio ser, cada indivíduo como um microcosmo compartilha o nível mesocós-mico da “mesa”, e salta para o nível macrocósmico da sociedade, descrevendo assim a importância da mesa, para as comunidades.

Neste ambiente de ceia assentados a mesa Jesus chama a atenção para si:

“levantou-se da mesa, depôs as suas vestes e, pegando duma toalha, cingiu-se com ela. Em seguida, deitou água numa bacia e começou a lavar os pés dos discípulos e a enxugá-los com a toalha com que estava cingido” (Jo 13.4,5).

Na perspectiva de Konings seu manto é sua imagem de mestre que ele reassumirá depois com a devida explicação. Por esse fato ele dispõe de seu manto e ao pegar a toalha e cingir-se, ele assume o lugar servo, pois os que lavavam os pés eram somente as mulheres e os escravos não judeus.

Um tipo de ensinamento como este, fica evidente a preocupação de Jesus em ensinar seus discípulos de forma gestual, ou seja gestos metafóricos, que tem em si um sentido de esvaziamento, da sua função de mestre para sua função de servo.

O imaginário por trás do gesto do lava-pés pode ser compreendido de acordo com a visão de Dufour que diz: “Kenosis”¹ que quer dizer inerente a cruz. Parece que o escritor quis manter o imaginário do esvaziamento, no episódio do lava-pés, ou seja uma representação simbólica da morte voluntária de Jesus.

No texto parece que já fica evidente que ao se sentar à mesa com a comunidade o mestre se torna servo e se esvazia então o rito do lava-pés, é a identidade da comunidade joanina, quem se senta à mesa para compartilhar de si, esvazia-se se tornando servo do outro.

Tendo em vista a interação entre a comunidade petrina e a comunidade joanina, a não participação do rito de pertença do lava-pés, significava não ter parte com Cristo. Por isso Jesus responde a Pedro: “Se eu não te lavar, não terás parte comigo.” (Jo 13.8).

¹ Do grego Kénosis, “ação de despojar, de privar de tudo” termo teológico que exprime a humilhação de Cristo ao tomar a forma de escravo (Fl 2,7).

Entretanto o sucesso do empreendedor imposto pela sociedade, não parece ser a forma mais adequada para pensarmos a teologia joanina, baseada neste texto, um homem ou mulher bem sucedida ao sentar-se à mesa, precisa se tornar servo (a), esvaziando-se de títulos e de funções, estrato social, e assumindo a função de servo, como Cristo que “aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens.” (Fl 2.7).

Parece que o discípulo de Jesus tem já uma função preconcebida no gesto do lava-pés que prefigura o esvaziamento, mesmo que como Pedro ou a comunidade por trás do texto não comprehenda o ato de Jesus, há uma necessidade de participar deste rito do lava-pés, como um rito de pertença.

Em seguida surge o diálogo sobre a necessidade de ser limpo, trazendo à tona o conceito de puro ou impuro, quando Pedro diz que quer tomar banho, então Jesus afirma, já estais limpos, e não necessita lavar-te se não os pés, aquele que já tomou banho não necessita ser lavado, mas nem todos estão limpos (Jo 13. 9-12). No evangelho de João a limpeza não vem por meio da água ou pelo batismo ou qualquer outro rito, mas por meio do conhecimento ““Vós já estais puros pela palavra que vos tenho anunciado.” (João 15.3), o conhecimento é o que limpa, em outras palavras compreender o que Jesus está fazendo e falando é a limpeza necessária para a vida a partir da partida de Cristo.

*Cristo
empreendedor
ou servo?*

O sucesso descrito nesta passagem está na compreensão e na identificação com Cristo, a partir da nossa compreensão “*Se compreenderdes estas coisas, sereis felizes, sob condição de as praticardes.*” (Jo 13.17).

O sucesso do empreendedorismo nem sempre aponta para a direção correta daqueles que pretendem andar como discípulos de Cristo, ou como cristão, (não afirmo isso dizendo que quem é empreendedor não pode ser cristão), mas

pela minha incapacidade de ver neste formato de ser bem sucedido, um meio de subjugar as pessoas ao serviço, dessa forma gerando a incapacidade de servir como Cristo serviu esvaziando-se, o dito popular se repete de forma generalizada “*Muito cacique pra pouco índio*”. Sem servo sobre serviço, e falta mão-de-obra.

BIBLIOGRAFIA

BÍBLIA – **Bíblia de Jerusalém.** São Paulo: Paulus, 2002.

CHARPENTIER, E., **Para Ler o Novo Testamento.** São Paulo: Loyola, 1992.

DUFOUR. Xavier Léon. **Leitura do Evangelho Segundo João. Volume III.** São Paulo. Edições Loyola.1996.

KONINGS. Johan. **O Evangelho segundo João: Amor e fidelidade.** São Paulo. Edições Loyola. 2005.

Bacharel em Teologia, pela Universidade Metodista de São Paulo, Mestrando em Ciências da Religião, UMESP/CNPQ.

Cristo
empreendedor
ou servo?

A igreja e os Direitos Civis

FAGNER PEREIRA DOS SANTOS

Seria difícil falarmos sobre direitos civis e igreja, sem mencionarmos o histórico *Movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos*. Ocorrido nas décadas de 50 e 60, este movimento tornou-se marco pela luta contra o racismo e por mais cidadania, devido a escravidão no país.

As AMÉRICAS E A ESCRAVIDÃO

A escravidão foi um triste denominador no período de colonização das Américas pelos Europeus. Enquanto o Norte da América recebia seu primeiro navio negreiro no século XVII na Virgínia, na América do sul, o Brasil em 1530, já havia tornado indígenas em escravos, sendo, também, um grande importador de negros trazidos do continente africano para a escravidão. Importante dizermos que em todo tempo em que a escravidão vigorou nas Américas, houve lutas organizadas e resistências criadas pelos escravos e abolicionistas para que a escravidão fosse combatida. Um exemplo de resistência organizadas foi

o Haiti. A ilha era a colônia mais próspera da França nas Américas, isso em razão da exportação de açúcar, cacau e café, porém, em 1794, após uma revolta de escravos, o Haiti foi o primeiro país do mundo a abolir a escravidão. Logo, o escravismo passou a perder força em outros países, que, por pressões internas ou externas, foram forçados a conceder a abolição. Surgiram leis para trazer um abrandamento à estas revoltas e fazer a manutenção controlada dos negros e negras livres, em uma sociedade da qual não os reconhecia como cidadãos. Ao fim da guerra civil nos Estados Unidos, a escravidão torna-se ilegal após a “apertada” aprovação da 13ª Emenda Constitucional em 1865. Os Estados do sul criticaram duramente a aprovação desta lei, porém Abraham Lincoln com esta emenda, pôde garantir seu

objetivo de reforçar os laços da União. (EISENBERG, 1982, p.79). Livres pela outorga da décima terceira Emenda de Lincoln, os negros passaram a enfrentar problemas de ressocialização, já que os antigos “mestres” sulistas ainda não havia aceitado a ideia de terem “suas propriedades” livres. Os “*Black Codes*” ou “Códigos Pretos” foram criados entre 1865 e 1866, com o objetivo de restringir essa liberdade e exercer controle social aos, aproximadamente, quatro milhões de negros sulistas livres após a Guerra Civil. (SPROULE, 1993, p.58).

JIM CROW

As leis *Jim Crow*, criadas em 1876, eram uma série de leis que mantinham de forma institucionalizada, a segregação nos estados sulistas. Sua criação foi motivada devido a Lei dos Direitos Civis de 1875, que, ao contrário dos anteriores *Black Codes*, garantiam o direito de igualdade de tratamento dos afro-americanos em lugares públicos, porém de maneira segregada.

*A igreja
e os Direitos
Civis*



<http://nomaatlanta.org/wp-content/uploads/2013/08/march-on-washington-banner.jpg>

A IGREJA NEGRA NOS EUA ENTRA NA LUTA POR DIREITOS CIVIS

Em 1955, A senhora Rosa Louise McCauley Parks (1927-2005), conhecida mundialmente como Rosa Parks, tornou-se um importante ícone da luta contra as leis segregacionistas *Jim Crow*, após recursar-se a se levantar de seu assento em um ônibus, na cidade de Montgomery em 1º de dezembro de 1955, para que uma pessoa branca se sentasse. O Rev. Martin Luther King Jr. que já fazia parte da NAACP (*National Association for the Advancement of Colored People*) em 1955, após o ato da sra. Parks, organizou junto as igrejas locais em Montgomery, o conhecido boicote aos ônibus da cidade, gerando uma convulsão social e confrontamento à lei *Jim Crow* de segregação em espaços públicos. O boicote durou 386 dias e rendeu uma série de prisões ao longo deste período,

inclusive a de Martin Luther King Jr. As empresas de ônibus, por sua vez, quase foram à falência, entretanto, devido a articulações junto ao poder público, procuraram uma forma de atenuar a questão para garantirem suas companhias. Martin Luther King Jr. escreveu em seu diário:

Naquela tarde voltei a Atlanta para fazer pelo menos uma apresentação no encontro de líderes negros. Lá encontrei um grupo entusiástico de pelo menos uma centena de homens de todo o sul, comprometidos com a ideia de um movimento sulista para implementar, por meios não violentos, a decisão da Suprema Corte de acabar com a segregação nos ônibus.

[...] Antes de terminar a reunião, votou-se pela criação da Conferência de Líderes Sulistas (depois Conferência da Liderança Cristã do Sul, ou SCLC), uma organização permanente destinada a facilitar a ação coordenada de grupos de protesto locais. Tornei-me presidente da organização, posição que ainda detenho. (CARSON, 2014, p.129).

A SCLC (*Southern Christian Leadership Conference*) ou Conferência de Liderança Cristã do Sul teve tamanho valor na mobilização das igrejas do sul dos Estados Unidos em parceria com a NAACP. Esse esforço gerou um dos mais importantes protestos da história, “*A Marcha sobre Washington por emprego e liberdade*”.

“I HAVE A DREAM”

No dia 28 de agosto de 1963, mais de duzentas e cinquenta mil pessoas, vindas de várias partes dos Estados

*A igreja
e os Direitos
Civis*

Unidos, sendo em sua maioria do sul do país, marcharam até o Abraham Lincoln Memorial em luta pelos direitos civis. Reivindicavam o direito de voto aos negros e as minorias étnicas existentes no país, emprego e liberdade, sendo esta última direcionada ao fim completo das leis de segregação racial *Jim Crow*. Esta multidão de pessoas foi mobilizada pela NAACP, pela Conferência de Liderança Cristã do Sul e várias outras entidades que aderiram à causa erguida pela comunidade negra do sul. 1963 era, bem como, o ano do Centenário da Proclamação da Décima Terceira emenda de Emancipação proposta por Abraham Lincoln, com isso, a palavra liberdade ganhou forte significado na manifestação. O discurso de King denominado "*I Have a Dream*" proferido nesta ocasião, repercutiu em todo o mundo.

O ÚLTIMO SERMÃO DE KING

O sermão "*I've been to the mountain top*", proferido na noite dia 3 de abril de 1968 no Templo Bispo Charles J. Mason, sede da *Church of God in Christ* (COGIC), foi importante para King, pois marcaria para sempre sua biografia como um sermão profético. Segue um trecho deste sermão:

Bem, não sei o que vai acontecer comigo agora; temos dias difíceis pela frente. Mas para mim realmente não importa, porque eu cheguei ao topo da montanha. E não me importo. Como todo mundo, eu gostaria de ter uma longa vida – a longevida-

de tem sua importância. Mas não estou preocupado com isso agora. Quero apenas fazer a vontade de Deus. E Ele me permitiu subir ao topo da montanha. E de lá de cima eu vi a Terra Prometida. Posso não chegar lá com vocês. Mas quero que saibam esta noite que nós, como um povo, chegaremos a Terra Prometida. E estou feliz esta noite. Não me preocupo com coisa alguma. Não tenho medo de homem algum. Meus olhos viram a glória da vinda do Senhor (CARSON, 2014, p. 429).

No dia seguinte, na manhã de 4 de abril 1968, Martin Luther King fora assassinado com um tiro na sacada de um hotel em Memphis.

BRASIL E SEU *JIM CROW* SOCIAL

No Brasil, a escravidão durou trezentos e cinquenta e oito anos, sendo este, o último país no planeta a abolir a escravidão. Dentro desta derradeira e, para muitos, ilusória Abolição, configuravam-se interesses econômicos nos quais o Brasil se viu forçado a tal atitude, se não fora isso, provavelmente o Brasil estenderia ainda mais sua escravidão.

Assim como os "*Black Codes*" e as Leis de "*Jim Crow*", no Brasil leis foram criadas para mediar essa ingressão tímidamente do negro na sociedade.

A Lei do Ventre Livre (1871), a taxação do tráfico interprovincial dos escravos (1880-1881) e a Lei dos Sexagenários (1885) foram momentos da luta contra o escravismo. Compartilhamos com a abordagem dos autores que consideram todos os fatos acima citados, como ênfases do movimento, destacando que a abolição foi uma luta árdua e não uma concessão de qualquer setor ou grupo social. (GOHN, 2013, p.50)

No livro "A integração do Negro na Sociedade de Classes", Florestan Fernandes descreve com propriedade essa limitação social ao negro no país:

Nas zonas onde a prosperidade econômica desaparecera, os senhores já se haviam desfeito do excesso de força de trabalho escravo, negociando-a com os fazendeiros do leste e do sul. Para eles, a Abolição era uma dádiva: livravam-se de obrigações onerosas ou incômodas, que os prendiam aos remanescentes da escravidão. Nas zonas onde a prosperidade era garantida pela exploração do café, existiam dois caminhos para corrigir a crise gerada pela transformação da organização do trabalho. Onde a produção se mantinha em níveis baixos, os quadros da ordem tradicionalista mantinham-se intocáveis: como os antigos libertos, os ex-escravos tinha de optar, na quase totalidade, entre a reabsorção no sistema de produção, em condições substancialmente análogas às anteriores, e a degradação de sua situação econômica, incorporando-se à massa de

*A igreja
e os Direitos
Civis*

desocupados e de semi-ocupados da economia de substancia do lugar ou de outra região. (FERNANDES, 1978, p.17).

A MORTE RONDA AS QUEBRADAS

A escravidão e a segregação social claramente expostas na história do nosso país, definiram uma periferia pobre e predominantemente negra, revelando essa marginalização planejada do cidadão e da cidadã afro-brasileiro/a na sociedade.

São alarmantes os dados que revelam verdadeiro extermínio da juventude negra nas periferias do país.

Vemos [...] que no ano de 2012 as armas de fogo vitimaram 10.632 brancos e 28.946 negros, o que representa 11,8 óbitos para cada 100 mil brancos e 28,5 para cada 100 mil negros. Dessa forma, a vitimização negra foi de 142%, nesse ano; morreram proporcionalmente e por AF 142% mais negros que brancos: duas vezes e meia mais. (WAISELFISZ, 2015, p.80, grifo do autor)

Quem deve se levantar profeticamente e denunciar esses crimes contra os Direitos Civis no Brasil? Quem deve exigir políticas públicas e sociais que mitiguem a pobreza e a violência?

POR UMA IGREJA PROFÉTICA NA SOCIEDADE

Do mesmo modo que a igreja negra nos EUA entendeu sua vocação profética na promoção da paz e da justiça, assumiu publicamente sua fé lutando pelos direitos civis,

creio que no Brasil a igreja deva, também, compreender e exercer a responsabilidade a qual lhe é conferida por Deus, pois o Evangelho de Jesus e o Reino de Deus, não se restringem a condições temporais, culturais, geográficas, sociais e étnicas. Devemos sim, assumir essa vocação profética em favor da vida, ante as injustiças e violências existentes na sociedade a qual vivemos.

A vida de fé tem uma dimensão intrinsecamente pública como a profissão de fé, a proclamação da mensagem, a preocupação com o próximo, com a justiça, com a paz, com o pastoreio do povo que vai além dos limites de uma congregação de fiéis. O Evangelho nos interpela como comunidade no meio de um povo e somos enviados ao mundo assim como Deus enviou Cristo. (JOSGRILBERG, 2006, p.11)

Assim como o Verbo de Deus se fez carne e habitou entre nós, exercendo amor, justiça e vida, do mesmo modo a igreja brasileira deve encarnar-se na realidade concreta das ações, revelando o Cristo vivo a quem serve e nisto promover o amor, a paz e a justiça tão evidentes no Evangelho de Jesus, servindo assim, a sociedade em todas as esferas da vida.

BIBLIOGRAFIA

CARSON, Clayborne (Org.). **A autobiografia de Martin Luther King**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. 464 p.

EISENBERG, Peter Louis. **Guerra civil americana**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. 128 p.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1978. 332 p. (Ensaios 34).

GOHN, Maria da Glória. **História dos movimentos e lutas sociais: a construção da cidadania dos brasileiros**. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2013. 240 p.

JOSGRILBERG, Rui de Souza. Prefácio In: CASTRO, Clóvis Pinto de et al (Org.). **Pastoral urbana: presença pública da igreja em áreas urbanas**. São Paulo: Editeo, 2006. 212 p.

SPROULE, Anna. **Abraham Lincoln**. Tradução de Matilde Leone. São Paulo: Globo, 1993. 64 p. (Personagens que mudaram o mundo).

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2015: mortes MATADAS por armas de fogo**. 2015. Disponível em: <<http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/mapaViolencia2015.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2016.

Link da imagem: <http://noma-atlanta.org/wp-content/uploads/2013/08/march-on-washington-banner.jpg>

*A igreja
e os Direitos
Civis*

A consciência é negra: porque a pele, bem como a alma, é negra também!

LÍDIA MARIA DE LIMA

Desde que o feriado de 20 de novembro foi instituído, ouço a mesma questão nas ruas e nas igrejas: "Não precisamos de um dia de consciência negra, precisamos de uma consciência humana!" – Sempre me sinto provocada a responder tal afirmação, e acho pertinente que remembremos o que a data significa: instituído em 2003, o feriado rememora a luta por libertação dos povos negros escravizados neste país, por quase 400 anos. A escolha da data é uma homenagem a Zumbi, líder do Quilombo dos Palmares, símbolo de luta e resistência.

Liberdade, dignidade e vida abundante são temas frequentes na história da humanidade. E para nós cristãos, é pauta constante do nosso livro de fé. Um olhar atento as narrativas de Moisés e de seu povo escravizado no Egito, nos ajuda a compreender bem essas questões. Torna-se óbvio que Deus não se agrada das opressões e nem se alia aos Opressores.

Deus faz um tratado de libertação com o seu povo, e isso, na interpretação do pes-

quisador Peter Nash (200) é o que aproxima a história do povo negro e das Escrituras Sagradas:

(...) o povo negro encontrou a Bíblia como fonte de resistência e, a partir dela, conseguiu estabelecer a diferença entre o Deus opressor do branco e o Deus libertador que condena todo tipo de escravidão. Através da identificação de sua história com as passagens bíblicas, o povo negro viu na Bíblia uma companheira de luta, uma fonte de esperança onde ele podia matar a sede de liberdade. (NASH, 2000, p.8).

Ressignificar as narrativas bíblicas e identificar-se com elas, de certo, foi ao povo negro escravizado, uma forma de resistir aos opressores. Foi, e ainda é, um alimento para a fé e para a esperança. Água viva para corpos sedentos de vida abundante.



Lembro-me que durante a minha infância e até mesmo na adolescência, ler as passagens bíblicas de Moisés, liderando o povo em sua caminhada em busca da terra prometida, me fazia pensar automaticamente na caminhada feita pelo povo negro; nas resistências dos quilombos, que se organizavam como um espaço de proteção, resistência, luta, canto e dança. Sim: espaço de celebração. Espaço para viver a sua identidade e a sua autonomia.

Quando penso na dança de Miriã, ao som do tamborim, rodeada de outras mulheres (Êxodo 15:20), me faz pensar na alegria das mulheres

A
consciência
é negra

negras, que dançam na vida, sustentando seus filhos/as, contando-lhes a nossa história e animando a caminhada. Ensinando-lhes a beleza e o orgulho se ser quem somos e como somos. Lembro-me de Dandara, companheira de Zumbi, no Quilombo de Palmares. Nas palavras de Maria Suely da Costa (2016), Dandara era mulher “dura” e “radical” e que tinha como ideal de vida: “a liberdade plena”. Mulher forte, extremamente importante na caminhada de libertação do povo negro e que, certamente, usou a capoeira, sua dança, para aliviar as dores do corpo e da alma, e para celebrar a vida e a fé. Sim: resistimos, com a nossa dança, com o nosso gingado, com a nossa crença e porque sabemos que a caminhada ainda é longa.

A luta da população negra por dignidade, liberdade e justiça, não está presa ao passado e não foi superada com as conquistas e com o discurso de que “aos olhos de Deus, somos todos iguais”. A sociedade está aí para nos lembrar o tempo todo que “não somos tão iguais assim”. A população negra ainda é vítima desta herança escravocrata, basta observarmos os números:

O Atlas de Violência 2017, lançado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (...) revela que homens, jovens, negros e de baixa escolaridade são as principais vítimas de morte no País. A população negra corresponde a maioria (78,9%) dos 10%

dos indivíduos com mais chance de serem vítimas de homicídios. Atualmente, de cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 71 são negras. De acordo com informações do Atlas, os negros possuem chances 23,5 % maiores de serem assassinados em relação a brasileiros de outras raças. (OLIVEIRA, 2017)

E porque não criamos um “dia da consciência humana?” – Porque ele já existe e está em vigor nos 365 dias do ano e permite que a gente ignore os dados citados acima. Ele existe e faz com que a gente se sinta indiferente a dor do outro e não perceba que este sofrimento, é nosso também. Porque ele já existe, e não me faz perceber que o preconceito se revela na piada, na risada, nos apelidos, no medo que me faz mudar de calçada, quando encontro garotos negros. E está na velha mania de crer de que a nossa alma, não tem cor, ou que ela é “branca”, como se costuma “pintar” por aí.

Lembro-me de ouvir, certa vez, um irmão da igreja dizer: “Você se lembra daquela irmãzinha de cor, que se sentava lá no fundo da igreja? Que pessoa boa! Era uma negra de alma branca!” – Fiquei irritada, principalmente, porque sei que ele não é o único que pensa assim, por isso, aproveito o ensejo e respondo a ele e a quem mais precisa ouvir:

A
consciência
é negra

Ano 25, n. 55, julho-dezembro 2017

“Não meu irmão! Ela era negra e de alma negra, porque a nossa alma é também a nossa carne; é nessa alma que fica registrado os preconceitos da vida; é esta alma que carrega as lutas e as conquistas de um povo que segue adiante, crendo no Deus da justiça e da libertação. Um Deus que nos convida a celebrar e participar da sua mesa, trazendo a nossa história, nossa dança, nossa memória”. Um Deus que tem a nossa cor e que pinta a vida e a gente com alegria, resistência e com esperança.

Feliz dia da Consciência Negra! E, por onde anda essa sua consciência?

REFERÊNCIAS:

DA COSTA, Maria Suely. “REPRESENTAÇÕES DE LUTA E RESISTÊNCIA FEMININA NA POESIA POPULAR.” Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA9_ID4081_28052016001621.pdf Acesso em 20/09/2017.

NASH, Peter Theodore. “Porque falar de Negritude na Bíblia e na Igreja.” Identidade! 1.2 e 3 (2000): 8-10.

_____. “O papel dos africanos negros na história do povo de Deus.” Estudos Teológicos 42.1 (2013): 5-27.

OLIVEIRA, Carolina. Atlas da Violência 2017: negros e jovens são as maiores vítimas. Carta Capital/ Setembro de 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/atlas-da-violencia-2017-negros-e-jovens-sao-as-maiores-vitimas>. Acessado em 20/09/2017.

Lídia Maria de Lima é Professora e Pastora Metodista.

À propósito dos 500 anos da Reforma Protestante

A Dádiva de Deus (Sermão de Martinho Lutero - 25 de maio de 1534)

TRADUÇÃO: ARMANDO MARCOS PINTO



Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna"
(João 3:16)

À propósito
dos 500 anos
da Reforma
Protestante

a boa nova para um mundo pecador

Esse é, sem dúvida, um dos mais sublimes trechos evangélicos do Novo Testamento. Se fosse possível, teríamos que a gravá-lo em nossos corações com letras douradas, e todo cristão teria que se familiarizar com essas palavras e recitá-las em sua mente pelo menos uma vez ao dia, para conhecê-las bem de memória. Ali se escutam palavras que se forem cridas robustamente, conferem ao triste, alegria, e ao morto, vida. Não podemos comprehendê-las todas, não obstante, queremos confessá-las com a boca e rogar que o Espírito as transfigure em nosso coração e as faça tão luminosas e ardentes que penetrem até o mais profundo de nosso ser. É verdadeiramente um Evangelho de grande riqueza, repleto de consolo. “*Deus amou ao mundo*”, e o amou de tal maneira “*que deu a seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna*”. O que isso significa, o ilustrarei com um quadro em que veremos por um lado ao doador, e por outro, o receptor, e alem disso, o presente, o fruto e o proveito do presente, e tudo isso em uma dimensão indizivelmente grande.

I. DEUS, O CRIADOR MESMO, É O QUE DÁ AO MUNDO O GRANDE DOM.

O maior de todos é o *doador*. O texto não diz “*O Imperador deu*”, mas sim “*Deus deu*”: Deus, o Insondável, o Criador de tudo quanto existe. Mais o

que isso quer dizer? As palavras humanas são demasiadamente pobres para explicá-lo em seu pleno alcance. Todas as coisas criadas são diante Dele como um grão de areia diante dos céus e terra. Com razão se fala Dele como do “*que dá boas coisas*”. Essa é, pois, a pessoa do doador. Quando escutamos a palavrinha “*Deus*”, devemos pensar que comparados com Ele, todos os reis e imperadores com seus dons e com suas cortes não são nada mais que um monte de lixo. Tanto deve nosso coração encher-se de gozosa reverência, que até mesmo o mais precioso tesouro dessa terra parecerá diminuto comparado com Deus; tão alta assim deve ser nossa estima para com o Senhor.

II. O MEIO DA ENTREGA VOLUNTARIOSA DE DEUS É SEU GRANDE AMOR.

Além disso, Deus dá de uma maneira que, tal como sua divina majestade, vai além de toda medida. O que Ele nos dá, não o dá como recompensa de nossa dignidade, ou de ignorância de nossa indignidade, mas sim de puro amor; Ele “*amou ao mundo*”. Deus, como doador, realmente assim o É de todo coração, e é impulsionado por Seu amor divino, que não está condicionado por nenhum mérito da parte dos homens. Não existe nem em Deus nem

nos homens uma virtude mais excelsa do que o amor. Pois por aquilo que se ama, se empenha tudo, corpo e vida. Certamente, a paciência, a castidade, a justiça, também são virtudes muito apreciáveis – no entanto, parecem pouca coisa comparadas com a virtude do amor, que é a suma de todas as demais. O que possui a virtude da justiça, dá a cada um o prêmio e a recompensa que por seus méritos lhes corresponde. Mas à aquele quem amo, a esse me entrego totalmente: para tudo o que se necessite, me acharei disposto. Assim, quando o Senhor nosso Deus nos dá algo, o dá não somente por causa de sua paciência, não somente por ser o administrador da justiça, mas sim por razão dessa virtude suprema que é o amor. Isso deve despertar nos corações humanos uma nova vida, tirar do meio deles toda tristeza, e atrair todos os olhares até o amor abismal que habita no coração de Deus - Ele, o doador máximo, doa impulsionado pela mais elevada virtude, e essa virtude confere à dádiva seu caráter tão precioso como dom que provem do amor. Quando nesse dom intervém o coração, se pode dizer “quanto aprecio esse presente, porque vejo que é de coração”! Não é tanto o presente em si que tomamos em conta, mas sim o afeto com que foi feito, o “coração”: isso é o que dá seu verdadeiro valor. Se Deus me houvesse dado um só olho, um só pé, uma mão apenas, e se eu soubesse que isso Ele o fez por amor divino e paternal, eu deveria dizer:

*À propósito
dos 500 anos
da Reforma
Protestante*

"esse olho me é mais precioso do que mil olhos". Assim mesmo, se toma consciência de que Deus lhe obsequiou o batismo, você deve sentir-se todos os dias como se já estivesse no reino dos céus – pois não é tanto o grande prestígio do batismo o que nos comove, mas sim o grande amor que Deus nos demonstra com ele.

III. A DÁDIVA DE DEUS É SEU PRÓPRIO FILHO, E COM ELE NOS DÁ TUDO.

Grande é, portanto, o coração, grande o doador, e é inefavelmente grande, em terceiro lugar, a dádiva. O que Deus nos dá? "seu Filho"! Isso sim que se chama dar! Não uma moeda, ou um olho, ou um cavalo, ou uma vaca, ou um reino, tampouco o céu com o sol e todos os astros juntos, nem a criação inteira, mas sim "o seu Filho", que é tão grande como o Pai mesmo! Saber isso há de ascender em nós uma luz no coração, mas ainda, um fogo, ao extremo de nos fazer saltar de alegria sem cessar, pois, assim como é infinito e inefável o doador e seu propósito, assim também o é a dádiva. Ao dar-nos a seu Filho, o que Ele reteve de nós? Junto com seu Filho, ele mesmo se entrega a nós, como o expressa Paulo em Romanos 8:32: "*Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós, como nos não dará também com ele todas as coisas?*" Conforme essas palavras, tem que estar incluso tudo, nomeie como se queira, Diabo, morte, vida, inferno, céu, pecado, justiça ou

injustiça, tudo tem que ser nosso, posto que nos foi dado o Filho, em quem subsiste todas as coisas. Em consequência: se cremos neste Filho e lhe aceitamos como dádiva de Deus, todas as criaturas, boas ou más, vivas ou mortas, tem que estar a nosso serviço. Nesse sentido Paulo diz em 1º Coríntio 3:21-23 "*tudo é vosso; Seja Paulo, seja Apolo, seja Cefas, seja o mundo, seja a vida, seja a morte, seja o presente, seja o futuro; tudo é vosso, E vós de Cristo, e Cristo de Deus*". Em Cristo está compreendido tudo. Verdadeiramente: que dádiva é essa! Se pensar bem, você não poderá menos que dizer: "que é o ouro ou a prata, a glória e todas as demais coisas que apetecem ao homem, em comparação com esse tesouro"? Porém, ai está a maldita incredulidade (da que Cristo se queixa depois) e essa terrível cegueira que faz com que se mau temos ouvimos essas coisas, não as creiamos, e permitimos que palavras tão sublimes e consoladoras entrem por um ouvido e saiam pelo outro. Como as pessoas se apressam quando se lhes apresenta uma boa oportunidade de comprar um palácio ou uma casa, como se nossa vida dependesse por inteiro de tais bens materiais! Porém, aqui onde nos é pregado com palavras tão formosas que Deus nos há dado a Seu Filho, manifestamos indolência que não tem

comparação. Quem é que faz com que essa dádiva tão grande seja tão pouco estimada, que não se a gravemos no coração, e que não sejam dadas a Deus as graças por ela? É o maligno, o diabo, que tomou posse de nosso coração e que faz com que sejamos duros e frios. Por isso eu disse que cada manhã teríamos que levantar da cama com essas palavras e agradecer a Deus por elas. "*Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito*" aqui temos as três partes, o que dá, Seu amor e Sua dádiva, a saber, Jesus Cristo. Com isso está dado tudo.

IV. A ÚNICA CONDIÇÃO JUNTO À DÁDIVA É QUE A ACEITEMOS.

Porem existe algo mais que devemos tomar em conta: Deus conceitua sua dádiva não como um pagamento ou uma recompensa a que tenhamos um direito, mas sim realmente como um dom. Não nos foi emprestada, nem há que pagá-la, tampouco se fala de um esquema. O único que há que se fazer é estender a mão. Oh Senhor, tem piedade de nós que somos tão duos para crer-lhe! Deus quer dar-lhe seu dom não só para tocá-lo timidamente, mas sim o quer dar a você de verdade, não como prêmio, mas sim como propriedade sua. Você não tem mais que o fazer que não seja aceitá-lo. Porém, adivinhe: como se chama as pessoas dos quais se diz: "*a ninguém se lhe regala nada contra sua vontade?*" Suponhamos que um príncipe gênero fizesse para

*À propósito
dos 500 anos
da Reforma
Protestante*

um pobre que não tem onde cair morto a oferta de presentear-lhe um palácio, e que lhe reportaria um benefício anual de 1.000 florins, e esse pobre lhe contestasse: "Não o quer". Seguramente todo mundo bradaría: "Jamais se viu um idiota como esse! Que animal!" Sim, assim diria o mundo. Mas aqui não lhe dá só um palácio; aqui Deus dá a Seu Filho, gratuitamente; porque Ele mesmo nos convida: "estenda sua mão, tomá-lo". Nossa papel é, segundo a vontade de Deus, o de recebedores, nada mais. E isso não o queremos! Agora, calcule que pecado mais grave é a incredulidade! Resistir ao Senhor que quer nos dar a seu Filho, isso já não é coisa de seres humanos! Porém, nessa incapacidade de alegrar-se pelo dom de Deus podeis ver que o mundo inteiro perdeu o juízo e está possuído pelo demônio. Não querem se conformar em serem simples recebedores. Ah, se fora um florim o que nos fosse oferecido, isso sim despertaria a alegria geral, porém o Filho de Deus, esse não! Tão completamente se acha o mundo em poder do diabo! Essa é a quarta parte: o que Deus nos oferece, deve-se considerar pronta e plenamente uma dádiva: não é requerido que a consigamos mediante certos serviços, nem que a paguemos.

V. O DESTINATÁRIO E RECEPTOR DA DÁDIVA DE DEUS É O MUNDO PECADOR.

Em nosso quadro também figura o recebedor: o mundo.

Recebedor abominável, parece-me, indizivelmente abominável. Com que o há merecido? Por acaso o mundo não é a noiva de Satanás, o inimigo de Deus e seu maior blasfemador? O maior inimigo de nosso Deus é o diabo – porém o segundo somos nós, que sem Cristo somos filhos do diabo. Pois bem: assim como têm tomado consciência do que é Deus, e o Filho de Deus, e de como esse Filho é a dádiva de Deus, grave agora também em seu coração a imagem fiel do que é o mundo. O mundo não é outra coisa que uma massa de homens que não creem em Deus, que o consideram por mentiroso, que blasfemam de Seu santo Nome, que desprezam Sua palavra, que desobedecem a pai e mãe, que cometem adultério, que caluniam, furtam e praticam toda sorte de outras maldades. Salta a vista que no mundo impera a infidelidade, a blasfêmia e todo quanto vício que se possa catalogar. E a essa amada noiva e filha, que é inimiga de Deus, que Ele dá seu Filho.

Eis aqui outro fator que dá realce à dádiva: que nosso Deus e Senhor não se afasta enojado desse mundo ruim, mas sim que traga de um só gole todas as iniquidades dos homens: as blasfêmias que proferem contra Seu nome, e a transgressão

de todos Seus mandamentos. Apesar de toda grandeza como presenteador, Deus realmente deveria sentir uma profunda repugnância ante ao mundo e sua maldade, já que os pecados do mundo não têm soma. E, no entanto, Deus vence a maldade e apaga os pecados contra a primeira e a segunda tabua da Lei e já não quer saber mais nada deles. Não deveria de ter amor e confiança para com Aquele que quita os pecados e ama ao mundo com todas suas transgressões? E que inumeráveis elas são! Não há homem que possa contar seus próprios pecados – quem poderia contar os do mundo todo? E, não obstante, o Evangelho nos diz que Deus há dado a Seu Filho "ao mundo". Não pode então caber a menor dúvida: se Deus ama ao mundo que blasfema Dele, a remissão dos pecados tem que ser uma realidade incontrovertível. Se Deus pode dar ao mundo, que é seu inimigo, um presente tão grande, ou melhor ainda, se Ele mesmo se entrega ao mundo, como Ele pode odiar ao mundo? Que coração não deveria encher-se de regozijo diante do fato de que Deus mesmo intervém na miséria humana, e dá Seu amado Filho aos homens malfeitos? Que malfeitor fui, por exemplo, eu mesmo, que durante anos li a missa e crucifiquei a Cristo, e pratiquei todas as idolatrias próprias da vida monástica! E apesar de ter-lhe ofendido tanto, me conduziu ao conhecimento de Seu Filho e de si mesmo – tal é Seu amor para comigo, sua criatura

*À propósito
dos 500 anos
da Reforma
Protestante*

pecaminosa, que não recordará de todo o mal que lhe fiz. Oh Senhor Deus, que homem deve ser aquele que, em vista de tudo isso ainda persiste em sua ingratidão! Gozo, indizível gozo deveria nos encher e gos-tosamente deveríamos não só servir-Lhe, mas sim também sofrê-lo tudo, e rirmos quando tivéssemos que morrer por causa Dele, nosso amoroso Pai que nos há dado um tesouro tal como esse. Não deveria eu de sofrer prazerosamente até mesmo a morte na fogueira como fiel testemunha de meu Senhor, se essa fé me anima? Se isso não acontece, se esse gozo não se produz, agradeçamos isso à nossa incredulidade que nos freia. Assim, pois, temos visto o enorme que é tudo isso: o doador, Seu amor, Seu dom, o recebê-lo, e também a pessoa que o recebe.

VI. A FINALIDADE DA DÁDIVA DE DEUS É A SALVAÇÃO DA MORTE E A VIDA ETERNA.

Segue agora o propósito último do doador divino. Qual é sua intenção ao nos dar sua dádiva? Não me a dá para que eu coma ou beba dela, mas sim para que tenha dela o maior dos proveitos. Não a quer dar como um simples dote, assim como tampouco nos dá o batismo e a santa ceia como partes de um dote. Antes, a finalidade é que “*todo aquele que Nele crê, não pereça, mas tenha a vida eterna*”. Não se trata de que Ele me dê um reino ou o mundo inteiro – o que quer dar-me é

que eu esteja livre do Inferno e da morte, livre do perigo de perder-me para sempre. Essa é a missão que o Filho deve cumprir: o diabo ter que ser devorado, o inferno extinguido, e eu tirado da interminável miséria. Tal há de ser o efeito da dádiva – deve trancar à chave às portas do Inferno. E converter um coração débil em um coração forte e confiante – e não só isso, mas que também deve criar vida, e vida perdurable. Isso sim que se chama uma dádiva! Quem queira que seu coração transborde de alegria, aqui achará motivo mais que suficiente para isso – pois nessas palavras do Evangelho nos é prometido uma vida eterna onde já não se verá a morte, onde haverá plenitude de gozo e onde experimentemos a mais ampla certeza de ter um Deus cheio de misericórdia e graça. Por essa razão, o que aqui nos é dito são palavras em cujas profundidades ninguém logra penetrar completamente. Dia a dia se deve as pronunciar em oração e com o rogo de que o Espírito Santo as inscreva no coração com letras indeléveis. E esse mesmo Espírito faça então de nós um bom teólogo, um que saiba falar de Cristo, discernir toda a doutrina e sofrer com paciência tudo o que Deus lhe imponha. Porém,

se deixamos passar ao longe essas palavras com um bocejo, tampouco poderão ter efeito duradouro, e o coração fica tal como estava antes. Esse estado de coisas sempre de novo dá lugar a tristes reflexões – mas aqueles que, contudo, que tão despreocupadamente deixaram que essas palavras se perderam ao vento, o lamentarão no inferno.

VII. A FÉ É A MÃO QUE SE APROPRIA DA DÁDIVA DA VIDA ETERNA.

Qual é agora a maneira como posso apropriar-me dessa dádiva? Qual a bolsa, a arca em que se pode depositar esse tesouro? É a fé, a saber, a fé com que se crê – essa faz que abramos as mãos e a bolsa. Pois assim como Deus é o doador por meio do amor, nós somos os receptadores por meio da fé. Vocês não precisam a merecer mediante uma vida monástica. Suas próprias obras nada têm que ver nesse assunto. O único que deve lhes importar é que o deixem Ele dar – em outras palavras: que mantenhas a boca aberta. Eu não tenho que fazer nada, simplesmente ficar quieto, e esperar que me coloquem a comida na boca, por assim dizer. Dessa maneira o dom é dado por amor e recebido por fé. Se você crê isso: “*De tal maneira amou Deus ao mundo, que há dado a seu Filho unigênito, para que todo aquele que Nele crê não se perda, mas tenha a vida eterna*”, então com toda certeza é salvo e bem-aventurado – porque o dom é demasiadamente grande como

*À propósito
dos 500 anos
da Reforma
Protestante*

para duvidar-se da capacidade de tragá-la a morte. Como o jogar uma gotinha d'água nas chamas de um forno, assim é o pecado de todo o mundo comparado com essa dádiva. Nem bem o pecado entre em contato com Cristo, já fica também extinguido, como se extinguir uma chispa de fogo quando essa cai no mar. Mas isso só acontece quando alguém se apropria desse tesouro mediante a fé e coloca em Cristo toda sua confiança. Isso é o que nos diz o texto: "De tal maneira Deus amou o mundo". Palavras áureas, palavras de vida! Queira Deus que possamos captá-las! Pois ao que pensa nessas palavras, nenhum diabo lhe pode assustar – tem que ter o coração repleto de alegria e dizer: "Tenho a teu Filho, e como testemunha me tem dado além disso o Evangelho, quer dizer, Tua própria palavra. Já não há engano possível. O creio, Senhor, e sei que mais não tenho que fazer. Ou, se duvido, concede-me Tua graça para que eu o creia". Assim pois, aprenda cada qual crer com mais e mais firmeza – porque o crer é indispensável para receber. E dessa maneira o homem chega a ser feliz e alegre, de modo que com gosto fará tudo e padecerá tudo, porque sabe que possui um Deus que lhe é propício.

VIII. ESSA DÁDIVA ESTÁ DESTINADA A CADA HOMEM EM PARTICULAR.

"Muito bem", me dirás "isso tudo eu poderia compreender se eu fosse Paulo, Pedro ou Maria. Aquelas pessoas foram pessoas santas; a elas eu creio que lhes foi dado esse dom. Porém, como pos-

so saber que me foi dado a mim também? Eu sou um pecador, não mereço tal coisa". Por que você não se fixa nas palavras que dizem a quem Deus há dado a seu Filho? Ao mundo! Porém, o mundo não é Pedro e Paulo, mas sim todo quanto tem natureza humana. E bem, você crê que é um ser humano? Tome-se pelo nariz e veja se você não é um homem como qualquer outro! Em que estamos, pois? Não diz o texto que o Filho há sido dado ao mundo? Por conseguinte, todos os que são pessoas humanas, devem apropiar-se do dom que Deus lhes oferece. Pensar eu você e eu ficamos excluídos, é anular toda a dádiva: porque a ti é a quem importa, você é um ser humano e por assim também uma parte do mundo. Deus deu seu Filho não ao diabo, ou aos cães, etc, mas sim aos homens. Por isso não há que colocar em dúvida a veracidade de Deus dizendo: "Quem sabe se me o deu a mim"? Isso significa fazer de nosso Senhor e Deus um mentiroso. Faze-te cruzes para que tais pensamentos não te enganem nem se aninhem no seu peito! Diga porém: "O que me importa que eu não seja Pedro nem Paulo! Se Deus houvesse desejado dar sua dádiva aos quais são dignos dela, o haveria dado aos anjos, ou ao sol, ou a lua. Esses teriam sido limpos e puros. Porém, quem era Davi? Um pecador, o mesmo que também os apóstolos". Por isso, ninguém

*À propósito
dos 500 anos
da Reforma
Protestante*

Ano 25, n. 55, julho-dezembro 2017

deve ceder ao argumento de "eu sou pecador, portanto não sou digno do dom de Deus, como o é um Pedro". Ao contrário, assim é como deves pensar: "Seja eu o que for, de nenhum modo devo fazer de Deus um mentiroso. Eu pertenço ao 'mundo' que Ele amou. E se não me apropriasse da dádiva de Deus ao mundo, acrescentaria a todos os demais pecados ainda esse de culpar a Deus de mentiroso". Você me objetará: "Como posso pretender que Deus está pensando só em mim"? Não, Deus está pensando em todos os homens em geral; por isso mesmo não posso senão ter a plena certeza de que não exclui a nenhum. Porém, se alguém se considera excluído, ele mesmo terá que dar conta disso. Eu não quero julgar-lhe, porém sua própria boca o julgará por não ter-lhe aceitado.

E aqui ponhamos ponto final à exposição dessas palavras. É uma mensagem belíssima de que jamais se acabará de aprender. É o texto básico que nos descreve a Cristo, e que nos diz o que o cristão possui, o que é o mundo, e que é Deus. Invoquemos ao Senhor para que o possamos crer firmemente, tomar-lo como consolo em sofrimentos e morte, e por fim chegar à bem-aventurança eterna. Ele o conceda-nos por Sua graça. Amém.

FONTE

Traduzido de <http://www.escriturayverdad.cl/mlutero.html>

Original em espanhol: *El Espíritu Santo Nos Habla De Dios Para El Hombre*.

documento digitalizado por ANDRÉS SAN MARTÍN ARRIZAGA

Tradução: Armando Marcos Pinto

23 de outubro de 2011

Proposta de Culto para Dia da Reforma Protestante



ACOLHIDA

Dirigente: Somos pessoas moldadas diariamente por Deus para que tenhamos vida de comunhão, vidas que promovem paz, justiça e respeito onde vivemos. Assim celebramos este culto com alegria, dando graças a Deus pelas vidas que foram vocacionadas por Deus para atuarem antes, durante e após a Reforma da Igreja.

ADORAÇÃO

Leitura Bíblica: “Tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo” (Romanos 5:1)

Dirigente: Dia 31 de outubro comemoramos o Dia da Reforma. A importância da Reforma Protestante não está

exatamente na criação de novas denominações cristãs, mas no resgate da doutrina bíblica, da justificação pela fé. Alavancados pelo claro ensino bíblico de que a justificação não é pelas obras, mas pela fé, os reformadores apontaram para Cristo como Autor e Consumador da fé.

ORAÇÃO DE ADORAÇÃO

Dirigente: Invocamos e Adoramos ao Deus Único e Verdadeiro. Provedor e mantedor da vida. Glorificamos a beleza da criação que testemunha o amor de Deus que

nos conduz nos caminhos da salvação. Pela ação do Espírito Santo de Deus sejamos portadores e portadoras da verdade plena que revela ao mundo a mensagem do Reino de Deus e está é a mensagem: Justificados e justificadas somos pela fé em Jesus Cristo, Nosso Senhor, amém.

Cântico: HE 82 – Invocação

CONFISSÃO

CHAMADO À CONFISSÃO

Dirigente: “Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram” (Romanos 5.12)

ORAÇÃO COMUNITÁRIA

Dirigente: Perdoa-nos pela injustiça que alimentamos com o silêncio...

Comunidade: Ajuda-nos em nossa fé e confiança

Dirigente: Perdoa-nos pela indiferença que fortalecemos com a dureza de coração...

Comunidade: Ajuda-nos em nosso amor e ternura

Dirigente: Perdoa-nos pela intolerância ao diferente...

*Proposta de
Culto para Dia
da Reforma
Protestante*

Comunidade: Ajuda-nos em nossa solidariedade e compa-
nheirismo

Todos/as: Ajuda-nos a cami-
nhar com um coração refor-
mador, sedento de justiça,
paz e verdade. Amém.

PALAVRA DE ESPERANÇA

Dirigente: Pois assim como,
por uma só ofensa, veio o
juízo sobre todos os homens
para condenação, assim tam-
bém, por um só ato de justi-
ça, veio a graça sobre todos
os homens para a justificação
que dá vida. (Romanos 5.18)

Louvor

Dirigente: Deus nos ouve.
Deus nos alcança com seu

amor, perdão e cuidado a
cada dia. Cantemos louvores
a este Deus que nos conduz
pela vida cristã para pensa-
mentos e ações de paz, amor
e comunhão.

Cântico: HE 106 (Louvor ao
Eterno Deus)

Dirigente: Que nossas vidas,
recebam tua graça e teu per-
dão para que transborde em
comunhão e justiça a favor de
tantas pessoas que são ob-
jetos da sua graça, na espe-
rança e no amor. Em nome
de teu filho, Jesus Cristo, nós
oramos. Amém.

EDIFICAÇÃO

Dirigente: “Porém, que se diz?
A palavra está perto de ti,

na tua boca e no teu coração;
isto é, a palavra da fé que
pregamos”. (Romanos 10. 8)

LEITURA BÍBLICA

PRÉDICA

DEDICAÇÃO

Cântico: HE 286 (Lírio dos
Vales)

ORAÇÃO FINAL

Cântico: HE 204 (Fortalece a
Tua Igreja)

Bênção: Que Deus Pai, Filho
e Espírito Santos nos abençoe
em justiça, amor e verdade.

Amém.

*Proposta de
Culto para Dia
da Reforma
Protestante*

Natal para hoje: tempo de renascimento

ISABEL DE SOUSA PENA FORTE

**PORQUE A VIDA MANIFESTOU-SE: NÓS A VIMOS E DELA VOS DAMOS
TESTEMUNHO E VOS ANUNCIAMOS ESTA VIDA ETERNA, QUE ESTAVA VOLTADA
PARA O PAI E QUE NOS APARECEU – O QUE VIMOS E OUVIMOS VO-LO
ANUNCIAMOS PARA QUE ESTEJAIS TAMBÉM EM COMUNHÃO CONOSCO.**

I Jo 1,2 e 3^a



*Natal para
hoje: tempo de
renascimento*

VIDA: O PROPÓSITO DE DEUS

Eis o mistério da vida: nasceu o sentido para a existência da humanidade. Aquele que segundo Mateus proveio da linhagem de um homem – Davi e que construiu sua habitação no mundo como O Verbo encarnado conforme afirma São João, foi o plano de salvação e libertação divino para o ser humano perdido no pecado e esmagado pela opressão. Aquele que se despindo de si mesmo tivera de possuir um corpo corruptível para cumprir o plano salvífico. Viveu, experimentou e vivenciou na pele a humanidade a fim de que, através desse ato, fôssemos agraciados com a Vida e dela proclamássemos com o propósito cumprir a unidade da fé.

Há um mistério na afirmação de São Mateus quando diz que o Salvador e Senhor da humanidade viera da linhagem de um homem comum, mas que possuiu em si uma marca especial do plano de Deus. Davi fora um homem que, a partir do relato bíblico, não possuía aparência alguma de rei, além disso cuidava das ovelhas de seu pai Jessé assim como também foi Jesus Pastor para os seus, dando assim “sua vida pelas ovelhas”. *Eu sou o bom pastor* (Jo 10.11^a). Davi assim como quem sabe Jesus não preenchia os requisitos de um rei, mas mesmo assim teve o privilégio de reinar sobre Israel. Além de tudo isso O Rei fora seu descendente. *A tua casa e a tua realeza subsistirão*

para sempre diante de ti, e o teu trono se estabelecerá para sempre. (II Sm 7.16). Isto é, o reinado a partir de Davi se estenderia eternamente por meio daquele que estabeleceria uma “paz sem fim” sobre todo o seu Reino.

A partir de São João, a encarnação é expressada de modo único. O que já existia possuia um corpo corruptível e pôde-se ver Sua glória como Filho Único de Deus (1.14f). Essa narrativa reflete o nascimento de Jesus como o raiar do sol àqueles que estão na mais pura escuridão. Representa o nascer da primavera em meio ao inverno da alma. É, como afirmado pelo evangelista, a Luz que ilumina na escuridão. É a própria Vida. *O que foi feito nele era a vida e a vida era a luz dos homens.* (Jo 1.4) Antes de sua atuação encarnada e salvífica no mundo, Ele já existia e já agia com vida na eternidade. *Antes que Abraão existisse, EU SOU.* Estamos a falar d'Aquele que veio da promessa feita ao patriarca e da linhagem de Davi, mas mesmo antes de ambos, Ele o era. Sem Ele coisa alguma veio a existência, porque Ele estava a vida. Nele está a Luz, o florescer e o renascer. Ele é aquele que “nasceu”, se encarnou em corpo corruptível para que em trevas e em corpo corruptível conhecêsssemos a Luz e a imor-

talidade e em estado de morte renascêssemos.

O mistério da encarnação de Jesus é um pouco compreendido por nós quando, a partir da reflexão e da experiência, somos levados ao entendimento de que Ele veio para ser “gente como a gente”, como afirma Betty Agi (2017). Ele escolheu ser gente como nós e tomar a forma mais frágil do Universo. Escolheu experimentar o ato de ser concebido ao mundo, de usar fraldas e ser indefeso. Passou pela escola da vida. Chorou, passou fome e frio e sentiu o gosto do desespero e da morte. Ele escolheu passar pela dor do desamparo e até questionou a presença de Deus como nós também o fazemos. Ele quis ser tudo o que hoje talvez não queremos ser. Amou, como firmemente declara Agi, as pessoas as quais queremos nos livrar sendo, às vezes, uma delas nós mesmos. Isso tudo para tornar-se fragilidade por nós e para que através d'Ele conhecêssemos o que de fato é Vida.

Nos importa a data da celebração de seu nascimento. Uma data na qual é celebrado em comunidade esse evento ímpar em ritmo de festas e reuniões. Mas nos importa mais ainda quando descobrimos que até Seu nome, apesar de comum em Sua época, tinha um propósito. São Mateus e São Lucas nos deixa isso claro quando relata sobre Sua Boa Nova: “... Ela dará à luz um filho e tu o chamarás com o nome de Jesus, pois ele salvará o seu povo dos seus pecados”. (Mt 1.21). Ele

*Natal para
hoje: tempo de
renascimento*

é o ungido de Deus e designado a cumprir uma promessa feita há muito de libertação e salvação a um povo pecador e sofredor, Ele também foi o que interviu no quadro onde atuavam o pecado e a opressão (Lc 1.31-33) e o cumprimento dessa promessa abriu cenário a um tempo de renascimento, de florescimento a partir de uma Vida que se encarnou e fez sua habitação entre os homens atribuindo significado à muitas existências.

Quando falamos desse significado falamos também de esperança, falamos de Vida a partir e para além da existência. As flores renascem na primavera, crescem, frutificam, refletem Vida e aguardam as próximas estações para florarem novamente. Jesus disse a Nicodemus: *Não te admires de eu te haver dito: vós deveis nascer de novo.* (Jo 3.7). Assim como Cristo Jesus “nasceu” e a primavera renasce, é desejo de Seu coração que o ser humano também renasca a fim de que este possa ser conheededor da liberdade do Espírito que traz a paz de um novo viver. Não é o bastante nascermos em carne, porque fomos concebidos em iniquidade, Ele nos chama a um renascimento, nos convida à liberdade do Espírito, ao amor, à misericórdia, à obediência, à comunhão, à devoção, à luz, à Vida. Nos bate à porta do coração e espera que O atendamos para que Ele nasça em nós.

O pecado foi e é a prisão do homem antes mesmo de sua vinda ao mundo. A che-

gada do Rei trouxe a “paz sem fim” ao Seu Reino com salvação e libertação como aludiram os evangelistas às profecias de Isaías sobre o que salvaria Israel do pecado que o cobrira e da opressão sofrida nas mãos de seus inimigos. A Vida trazida por Ele por meio da encarnação cumpria a promessa feita a Davi sobre o Messias que viria de sua linhagem (2Sm. 7.12-16) e além disso tornara o que é divino e incorruptível corruptível a fim de que pudéssemos transcender nossa existência a partir do dom da imortalidade em Vida, isto é, a Vida eterna.

ANÚNCIO DO QUE JÁ VIMOS

“...NÓS A VIMOS E DELA VOS DAMOS TESTEMUNHO E VOS ANUNCIAMOS ESTA VIDA ETERNA, QUE ESTAVA VOLTADA PARA O PAI E QUE NOS APARECEU – O QUE VIMOS E OUVIMOS VO-LO ANUNCIAMOS PARA QUE ESTEJAIS TAMBÉM EM COMUNHÃO CONOSCO.”.

Quando nasceu Jesus em Belém da Judéia, muitas foram as notícias sobre o grande evento ao redor de Jerusalém. Inacreditável, mas até mesmo os magos creram, o adoraram e de certo modo o testificaram. Os discípulos posteriormente também o viram e o adoraram,

seu nascimento em carne trouxera tanta Vida a suas vidas a ponto de movê-los a proclamar-a a todos porque não era suficiente manter a Vida só para si, o mundo deveria conhecer e sentir o que estavam eles sentindo.

Esta Vida apareceu também a nós e nós pudemos vê-la com nossos próprios olhos. Nossa ser o reconheceu como Salvador e Senhor, como Aquele que rege e orienta nossos passos, como O que nos salva e O que por nós É digno de ser adorado. Há também o fluir que nos leva a anunciar esta Vida onde dela não se tem ciência ou valor, o impulso que nosso coração tem é nada mais nada menos que a Vida que recebemos e que nos transborda. Temos a necessidade de anuncia-la.

No dia 25 de dezembro transformamos em festa aquilo que todos os dias é rememorado em nosso coração: o nascimento da esperança apesar de haver uma forte tendência materializarmos o Natal como sendo este apenas um momento que oportuniza troca de presentes, muita comilança, bebedice, reuniões de família e amigos e pedidos feitos àquele a quem chamamos “Papai Noel”. E na verdade, podemos afirmar que há uma incansável busca da alma humana por Vida que muitas vezes (deveras) é a última buscada. Há troca de presentes, mas raramente presença. Há “comes e bebes”, mas poucas vezes a partilha, há reuniões de família, mas poucos ouvidos. Por trás de todo esse cenário há

Natal para hoje: tempo de renascimento

talvez o que chamamos inversão de valores, mas a esperança sempre cresce no coração do que já recebeu a Vida. E isso é o que muito nos alegra.

Precisamos compreender que renascer é viver. É atribuir significado ao que chamamos “Natal”. É permitir que renasça em nós, Aquele que vive desde a eternidade para que até mesmo as coisas simples tenham grande significado. Para que no ato da celebração de seu nascimento nossa comida, mesmo usual, seja motivo de festança

por estarmos com o coração transbordando de alegria em podermos partilhar não apenas o alimento, mas as dores, alegrias e tristezas. Para que nosso presente, mesmo sendo uma camisa, sapato ou meia comum, seja fruto de uma plena presença na vida de quem amamos. E para que nós mesmos sejamos germinadores da Vida que em nós já foi gerada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. Nova edição ver. Ed. rev. ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

GUARDINI, Romano. *O Senhor. Meditações sobre a pessoa e a vida de Jesus Cristo*. Rio de Janeiro: Agir, 1964, p. 11-20.

PUIG, Armand. *Jesus. Uma biografia*. 2ª Ed. Paulus, 2010, p. 147-168.

SCHOLZ, Vilson; BRATCHER, Roberto G. (trad.). *Novo Testamento Interlinear Grego-Português*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

Graduanda no 4º semestre do curso
Teologia noturno pela Faculdade de
Teologia da Igreja Metodista e amante
do Evangelho.

*Natal para
hoje: tempo de
renascimento*

Eis uma história...

Texto: Gênesis 6. 7-10

ANTONIO CARLOS S. DOS SANTOS

INTRODUÇÃO

Final de ano e chegada de novo ano sempre nos oferece oportunidades de reflexão. Dos antigos ensinamentos hindus aos escritos mesopotâmios até as tradições das culturas americanas, existem relatos sobre a quase destruição da humanidade por um grande dilúvio universal. Histórias sobre esta inundação global podem ser encontradas em mais de 270 narrativas em diferentes culturas. A mais famosa depois do relato bíblico de Noé e também o texto mais antigo encontrado de uma cultura é A Epopeia de Gilgamesh, poema sumério, onde os deuses irritados pelo excessivo barulho que a humanidade fazia resolveram exterminar a raça humana da face da terra com um grande dilúvio, exceto um homem chamado **Utnapishtim** e sua família que são salvos em um grande barco que o deus Ea ordenara construir. É um texto belíssimo, cheio de lições éticas e existenciais. Mas.... Entendendo que a narrativa bíblica de Noé tem uma inspiração além da ética e do existentialismo.

Não vejo o texto do dilúvio bíblico como uma narrativa de destruição, mas vejo sim como uma grande declaração de amor de Deus à humanidade. Na verdade, a humanidade foi salva por Deus em Noé. Mas e os outros? O foco não são os outros, mas sim Noé. Às vezes damos importância nos textos bíblicos para aquilo que não é importante. Toda atenção deve estar em Noé. Noé é o modelo de sociedade que merece ser salvo. E um detalhe chama a atenção na narrativa: o texto nos oferece a história de Noé. Mas de forma muito sublime. O texto diz: Eis a história de Noé. Justo e Integro. Noé andava com Deus. Não é necessário mais nada. Essa é a história de Noé. Não importa mais nada, nada mais podem fazer maiores diferenças do que essas informações. Em três pontos, o texto nos informa que seria Noé: justo, integro, andava com Deus.

SOBRE JUSTIÇA

E INTEGRIDADE:

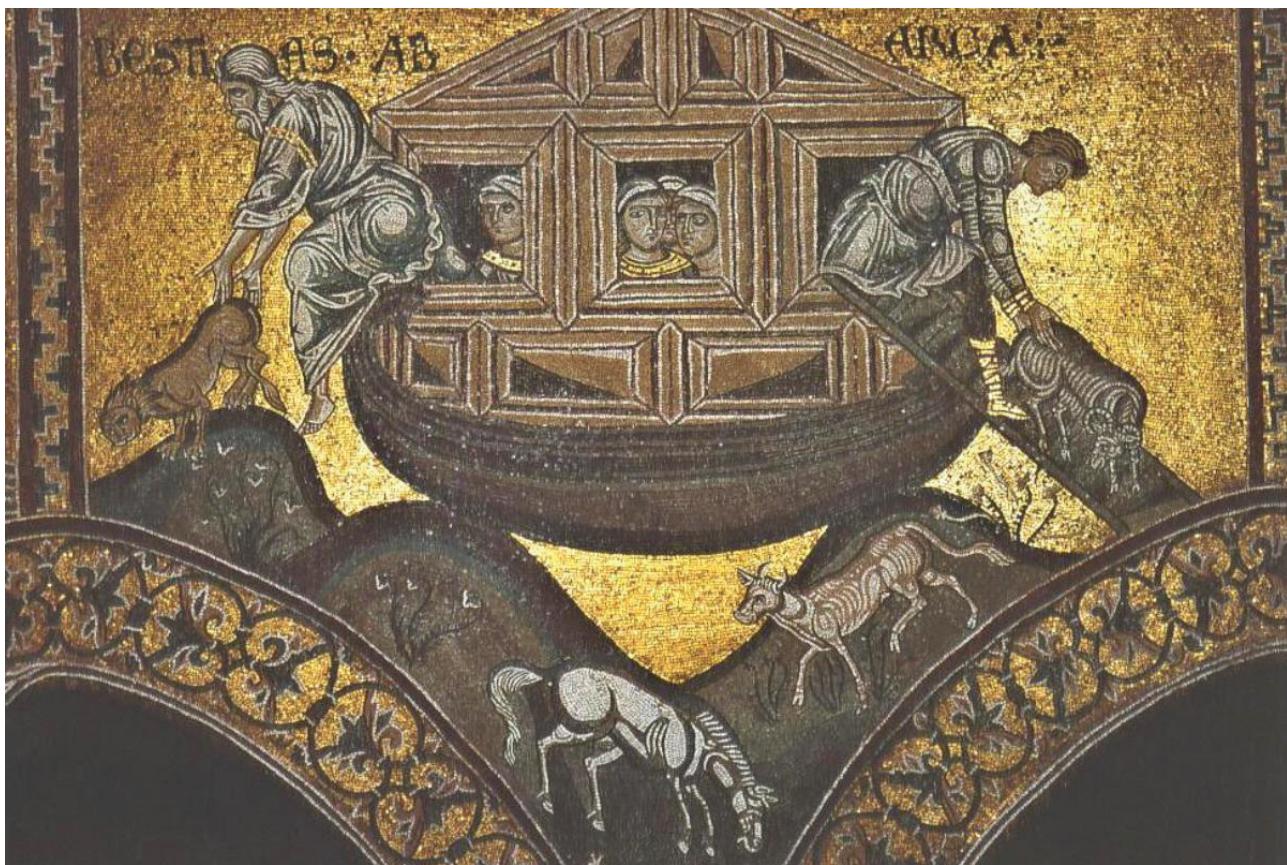
Integro (integridade): Significa inteiro, completo, perfeito, exato, reto, inatacável. (Aurélio)

Justo (justiça): Virtude de dar a cada um o que é seu; A faculdade de julgar segundo o direito e melhor consciência (Aurélio)

Bem...essas são as definições do dicionário Aurélio. Mas alguém se lembra o que disse Jesus nos evangelhos (Mt 5.20) a respeito da justiça? "Se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus".

Portanto, ser justo e integro nos preceitos bíblicos tem um significado muito maior do que a definição de um dicionário. Hoje necessitamos de uma sociedade em que reine a integridade e a justiça, ou ao menos, que haja lampejos dessas. Perdemos os significados das palavras da bíblia quando a traduzimos, a nossa palavra justiça não abrange toda a amplitude desse conceito bíblico, veiculado por dois termos hebraicos – mispart e sedakah – que podemos traduzir por:

*Eis uma
história...*



equidade, retidão, **integridade**, honestidade, virtude, santidade e, também, juízo (discernimento). Tanto a justiça quanto a integridade estão interligados com a criação. Para que o mundo criado se harmonize é preciso que haja justiça e integridade.

E encontramos um homem cujo a história se inicia dessa forma: era justo e íntegro. Acredito que há na Bíblia o desejo do que seja o modelo ideal de Deus para o ser humano. E Noé encarna o que Deus deseja, o que Deus quer salvar. Todos os dias estamos escrevendo a nossa história ou estamos permitindo que a escrevam por nós. A cada escolha que fazemos, a cada decisão que tomamos, estamos escrevendo um pedaço da nossa vida. Como será que seria contada a história da sua vida?

Era uma vez... e acabaria com um final feliz?

Por ser íntegro e justo, Noé...

2. ANDAVA COM DEUS...

Noé era justo e íntegro. Noé andava com Deus. Quando leio esse trecho da história de Noé eu me pergunto: Noé era justo e íntegro porque andava com Deus ou por ser justo e íntegro, andava com Deus? Acredito que por ser justo e íntegro, Noé andava com Deus. Acredito muito em escolhas e decisões que tomamos no percorrer da vida. E acredito que a história de Noé quer nos apontar que ele escolheu ser justo e íntegro, pois, no vss 8, diz que “Noé,

porém, achou graça aos olhos do Senhor”. Qual a graça que Deus encontrou em Noé? Noé era justo e íntegro. Noé escolheu ser justo e íntegro. E por isso, andava com Deus. Somente aqueles/as que buscam a justiça e integridade, podem andar com Deus. Essa é a liberdade que Deus nos concede: Como você quer escrever sua história? Não são os outros, mas nós a escrevemos, nós escolhemos. A maior dádiva de Deus é a capacidade de escolha. Mas afinal, o que seria “Andar com Deus”? A primeira situação que devemos nos atentar é que podemos decidir se vamos ou não “andar com Deus”. Deus escolheu amar a humanidade, Deus escolheu a vida para os seres humanos, mas, quanto a andar ou não com ele, é uma condição que ele nos delega a decidirmos. Assim como Jesus, chama, convida, a última palavra é sempre do convidado. Mas há

*Eis uma
história...*

condições para segui-lo, há condições para “andar com Deus”. Pelo jeito Noé soube escolher, eis a sua história: era um homem justo e integro e foi andar com Deus. Uma segunda situação é que “andar com Deus” implica em seguir todos os seus passos, pisar em suas pegadas, envolver cada atividade e circunstância da vida na realização do Reino de Deus. Noé constitui um raio de esperança em uma época sombria.

ENFIM...

Dante do atual cenário que presenciamos, onde ódio racial, religioso e outros mais se aglomeram e se manifestam em abundância, escolher “andar com Deus” significa que você, como Noé, escolheu viver uma vida de justiça e integridade. “Andar com Deus” é andar como Jesus andou...assumir o projeto de Reino de Deus, é estar pronto, assim como Noé,

a ter a história simples e modelar: Eis a história, justo/a e integro/a, e andava com Deus. Noé é motivação para que Deus salve a humanidade: Justiça e integridade. Ano novo é oportunidade de mudanças..

Antonio Carlos S. dos Santos
 Leigo e Professor Metodista

*Eis uma
 história...*

Ano novo

LUIZ CARLOS RAMOS*



Não obstante o réveillon seja uma data festiva secular ela tem profundas raízes espirituais.

Desde tempos imemoriais, o povo saúda a chegada do ano novo com rituais e cerimoniais, acompanhados de manifestações efusivas, queima de fogos de artifício, música, risos, beijos, abraços e troca de votos de paz, prosperidade e felicidade.

Como herança de antigas tradições pagãs, muitos o festejam na expectativa de atrair boa sorte, romance e absolvção.

O fato é que, simbolicamente, essa data marca o fim

de um ciclo e o início de outro. E isso abre a imaginação para novas possibilidades e superação de velhas limitações.

Não passou despercebido aos mais antigos, e nem aos nossos contemporâneos, a noção quase mística de que se trata do fim de um ciclo/círculo (ano/anel) e o início de um novo ciclo/círculo (ano/anel).

Daí, desse fim/reinício, a inferência quase automática ao

Ano novo

“renascimento”. A chegada de um novo ano ajuda a “sepultar” velhos episódios, e abre a possibilidade para o recomeço, para o surgimento de algo novo, um novo nascimento.

É mais do que certo que isso tenha a ver com os rigorosos invernos do hemisfério norte. O solstício de inverno marca o “turning point” (a virada) do ano, climaticamente falando.

É, portanto, o renascimento do ano – celebrado por pagãos como o retorno do sol, e saudado pelos cristãos como o tempo (advento) da chegada/nascimento do Sol da Justiça, o Filho de Deus.

Sabe-se que, na Babilônia antiga, os dias que compreendem o lapso entre o solstício de inverno e o ano novo eram considerados como sendo um tempo de luta entre o Caos e o Cosmos, a desordem contra a ordem, o caos tentando prevalecer no mundo.

Outras culturas, tais como a hindu, chinesa, celta, também consideravam esse um tempo apropriado para se restabelecer a ordem e as regras. É frequente nessas culturas que os foliões troquem de papéis, trocando inclusive o vestuário — por exemplo: patrões se vestem e comportam como empregados, senhores como servos, mulheres como homens, e vice-e-versa, até que a “ordem seja restaurada” — no Brasil, até pouco tempo, e ainda em alguns lugares, essa mesma ideia é expressa nos festejos de carnaval.

Conquanto cada cultura apresente suas próprias mati-

zes quanto à celebração do ano novo, há certos temas comuns.

O período imediato que antecede a chegada do dia do ano novo é um tempo para “colocar a vida em dia”: para uma faxina geral na casa, o pagamento das dívidas, a devolução de objetos emprestados ou alugados, reflexão sobre os próprios erros e fraquezas, reparação de intrigas, doação de esmolas...

Em algumas culturas, as pessoas se jogam no mar ou em alguma outra fonte de água, para assim lavar, literalmente, a vida, apagar a lousa, zerar a conta...

Em certos lugares, como na Itália, por exemplo, na véspera de ano novo, as pessoas se desfazem de objetos e mobília velha, atirando-os pela janela.

No Equador, confeccionam simulacros, enxertados com palha, para representar os eventos do ano que finda. Essas efígies do “año viejo” são queimadas à meia-noite, possibilitando ao povo, assim, livrar-se simbolicamente do passado.

Quaisquer que sejam os preparativos, tudo deve estar pronto antes da meia-noite da véspera de ano novo.

De acordo com o folclore britânico, não se deve varrer a casa no dia de ano novo, caso contrário, a pessoa estará varrendo para fora a sua boa sorte.

Ano novo

Tampouco se deve tirar qualquer coisa da casa, nem mesmo o lixo, ao contrário, deve-se antes trazer coisas novas para dentro da casa, para assegurar-se de que haja abundância ao longo do ano que chega.

Crendices populares querem nos convencer de que qualquer coisa que se faça na véspera do ano novo é carregada de significado em relação ao futuro.

O costume de passar o réveillon com a pessoa amada e beijá-la à meia noite, garantiria o florescimento daquela relação durante o ano que chega.

No Brasil, milhões de pessoas se reúnem nas praias no dia 31 de dezembro para homenagear Yemanjá, a mãe do mar, que, de acordo com a tradição youruba é quem traz boa fortuna.

Não podemos omitir o estranho costume dos brasileiros de escolher criteriosamente a cor das roupas que usarão na passagem de ano, inclusive as roupas de baixo: rosa para atrair o amor, amarelo para a prosperidade, branco para a paz e a felicidade.

Também as bebidas e os alimentos se revestem de especial força simbólica nessa ocasião: Nos países de fala hispânica, as pessoas costumam colocar em suas taças de vinho ou champanhe, 12 uvas. As uvas representam os meses do ano que se finda e o novo ano. Após o brinde da meia-noite, bebe-se o vinho/champanhe e come-se as uvas o mais rápido possível, fazendo um desejo para acompanhar cada uma das uvas.

Há alimentos que, como muitos acreditam, atraem boa sorte, enquanto outros, que devem ser evitados nessa noite, atraem azar. Os antigos romanos estendiam folhas de palmeiras sobre a mesa, repletas de doces, tâmaras, figos e frutas douradas. Faziam isso para expressar suas esperanças de que o novo ano seria doce, fértil e próspero.

Semelhantemente acontece em outras culturas com o arroz, milho dourado, lentilhas, uvas secas, laranjas, repolho, ervilha... todas apreciadas como símbolos de riqueza, boa sorte, e promessa de amor e fertilidade.

Con quanto todas essas práticas e todos esses costumes pareçam mera superstição, na verdade derivam de uma crença semelhante: encerrando o ano velho com respeito e começando o novo da maneira como gostaríamos que ele começasse, nós estabelecemos nossas intenções para o novo ano.

Numa perspectiva mais racional, o que se pode constatar é que, na verdade, o que acontece é uma mudança na disposição das pessoas em relação a elas mesmas e ao seu futuro. Não são as credides-

que mudam o futuro, mas a atitude da pessoa que a pre-dispõe a construir um novo tempo em sua vida.

Está aí, evidente nesses míticos costumes, um germe de espiritualidade, uma intuição para o numinoso, uma brecha para o vislumbramento do sagrado.

Antes de condenarmos impiedosamente as pessoas por tais práticas supersticiosas, devemos nos lembrar do que ensinou John Wesley sobre a graça preventiva, aquela que habita todo ser humano, mesmo os pagãos, os que adoram outros deuses, e até os que não creem em deus algum.

De alguma forma, em ocasiões como a passagem de ano, a alma humana se abre para a possibilidade de um recomeço.

Na tradição metodista, John Wesley instituiu o costume de celebrar o Culto da Renovação da Aliança (ou do Pacto), na virada do ano. Trata-se de ocasião propícia para uma especial comunhão com Deus e com o seu povo reunido, para ação de graças, para autoexame e revisão de conduta, para experimentar o perdão divino e mútuo, e para renovar as esperanças sob a doce graça de Deus.

Assim Wesley registrou em seu diário, no dia 1.º de Janeiro de 1756, referindo-se ao Culto de Renovação do Pacto recém realizado:

"Foi uma ocasião para uma variedade de experiências espirituais [...] Eu não sei quando tivemos bênção maior. Além disso, muitos queriam render graças pelo perdão, pela plena salvação, ou pela doce manifestação da Sua graça, curando-os de toda recaída."

Seja qual for a maneira como nos reunimos para celebrar a passagem de ano, nós estamos assinalando uma importante transição e abraçando um novo começo. Melhor será se o fizermos sob a doce graça do Deus que se revela das maneiras mais surpreendentes e inesperadas, mesmo nos cantos mais remotos da terra.

* Registro aqui meu débito ao artigo *The Meaning of New Year's Traditions: From ancient times, people have welcomed the new year with rituals to attract good fortune. Here's a sampling.* Disponível em <<http://www.beliefnet.com/wellness/2006/01/the-meaning-of-new-years-traditions.aspx?p=2>>. Acesso em 21.09.2017.

Luiz Carlos Ramos
Professor e Pastor na Igreja
Metodista em Pirassununga

Ano novo

Culto de Renovação do Pacto



UMA PALAVRA SOBRE O CULTO DE RENOVAÇÃO DO PACTO

EM 25 DE DEZEMBRO DE 1747 E EM MUITAS OUTRAS OCASIÕES, JOÃO WESLEY INSISTENTEMENTE RECOMENDOU AO POVO CHAMADO METODISTA QUE RENOVASSE SEU PACTO COM DEUS. O PRIMEIRO CULTO FORMAL DE RENOVAÇÃO DO PACTO, CELEBRADO NA IGREJA EM SPITALFIELDS, EM AGOSTO DE 1755, REFORMULOU PORÇÕES DE VINDICIAE PIETATIS, DE RICHARD ALLEINE, INCLUÍDA NA SUA "BIBLIOTECA CRISTÃ", CRIANDO ASSIM UMA LITURGIA DE RENOVAÇÃO DO PACTO. ESTE CULTO FOI EDITADO, EM SEPARADO, EM 1780, E SE TORNOU, POR APROXIMADAMENTE UM SÉCULO, A FORMA WESLEYANA OFICIAL DE CELEBRAR A RENOVAÇÃO DO PACTO. A PRÁTICA VIGENTE, NAS IGREJAS METODISTAS, É A CELEBRAR ESTE CULTO UMA VEZ AO ANO, GERALMENTE NO SEU INÍCIO.

O QUE APRESENTAMOS A SEGUIR É UMA ADAPTAÇÃO DO CULTO DE RENOVAÇÃO DO PACTO, CONFORME A VERSÃO DE 1780, CUJAS BASES BÍBLICAS SÃO: DT 26.17-18; JR 31.31-34, EZ 16.16, JO 15.1-8; HB 12.22-25A, ENTRE OUTRAS.

*Culto de
Renovação
do Pacto*

ADORAÇÃO

- Convocação: Jr 31.31-33
 - Cântico de abertura
 - Oração por pureza de coração:
- T:** Deus que tudo podes,
para quem todos os corações
estão manifestos,
todos os desejos conhecidos
e nenhum segredo encoberto:
purifica os pensamentos de
nossos corações
pela inspiração de teu Santo
Espírito,
para que possamos amar
perfeitamente
e glorificar dignamente teu
Santo nome;
por Jesus Cristo, nosso Se-
nhor. Amém.

- Cântico de Adoração
 - Convite à renovação
 - do pacto com o Senhor:
- [João Wesley refere-se aqui à natu-
reza do Pacto]

D: Amados irmãos e irmãs,
a vida cristã, a que somos
chamados, é vida em Cristo;
por ele, libertada do pecado
e consagrada a Deus. Nós,
homens e mulheres, fomos
admitidos nessa vida pelo
Novo Pacto, que nosso Se-
nhor Jesus Cristo, como seu
Mediador, selou com seu
próprio sangue para todo o
sempre.

O Pacto é a segurança de que
Deus há de cumprir em nós
e por meio de nós o que pro-
meteu em Cristo Jesus. Deus
nos concede e aperfeiçoa a fé
em nós. Reconhecemos que
sua promessa permanece,
pois experimentamos sua
bondade e graça em nossas
vidas, dia após dia.

No Pacto, prometemos viver
não em função de nossos
próprios interesses, mas
para Aquele que nos amou,
sacrificou-se por nós, e nos
chama a servi-lo, a fim de
cumprir o propósito de sua
vinda.

Renovamos, com freqüência,
nossa Pacto com o Senhor,
especialmente quando nos
reunimos ao redor de sua
mesa. Hoje, porém, queremos
nos consagrar de forma
especial, como nossos pais
e mães na fé o fizeram por
gerações. Hoje, queremos
renovar solenemente e com
alegria o Pacto que nos une
às gerações passadas, uns
aos outros e a Deus.
Recordando, pois, as misericórdias de Deus e com a
esperança de sua promessa,
examinemo-nos à luz do
Espírito Santo, de modo que
possamos descobrir em que
temos falhado e o que nos
falta em fé e obras. Considerando
tudo o que este Pacto
significa, ofereçamo-nos de
novo a Deus.

• ATO DE ADORAÇÃO

D: Adoremos ao Pai, o Deus de
amor que nos criou, que nos
preserva e nos sustenta a
cada instante; que nos amou
com amor eterno e nos deu
a luz do conhecimento da
sua glória na face de Jesus
Cristo.

*Culto de
Renovação
do Pacto*

C: Tu és Deus, nós te adoramos
e te reconhecemos como
nossa Senhor!

D: Gloriemo-nos na graça de
nossa Senhor Jesus Cristo
que, sendo rico, tornou-se
pobre por nossa causa; que
andou fazendo o bem e pre-
gou o evangelho do Reino;
que, como nós, em todas as
coisas foi tentado, mas sem
pecado; que foi obediente
até à morte, e morte de cruz;
que foi morto, e vive eter-
namente; que abriu o Reino
dos Céus a todas as pessoas
que crêem no seu nome; que
se assenta à direita de Deus,
na glória do Pai; e que virá
novamente para nos julgar.

C: Tu, ó Cristo, és o Rei da Glória!

D: Regozijemo-nos na comu-
nhão do Espírito Santo, o
Senhor e doador da vida,
por quem nos é dado nascer
na família de Deus, e sermos
feitos membros do corpo
de Cristo; seu testemunho
nos confirma; sua sabedoria
nos ensina; seu poder nos
fortalece. O Espírito Santo
está pronto a fazer por nós
infinitamente mais do que
tudo que possamos pedir ou
imaginar.

C: Todo louvor seja a ti, ó San-
to Espírito!

Doxologia ou outro Cântico
Trinitário

• CONFISSÃO

• Litania de Confissão

D: Confessemos humildemente
nossos pecados:
Ó Deus, tu nos ensinas o ca-
minho da vida por meio de
Jesus Cristo. Confessamos,
com vergonha, nossa lenti-
dão para aprender e nossa

indecisão para seguir-te. Tu nos chamas e não prestamos atenção; não percebemos o brilho de tua presença; não te reconhecemos na mão que se estende para nós. Recebemos tuas bênçãos, mas não somos agradecidos, somos pessoas indignas de teu amor imutável.

Responso: Ouve, Senhor, eu estou clamando, tem piedade de mim e me responde!

D: Perdoa, ó Deus, a pobreza de nosso culto, a formalidade e o egoísmo de nossas orações, nossa inconstância e falta de fé; nosso descuido da comunhão entre irmãos e irmãs e também quanto aos meios de graça; nosso titubeante testemunho de Cristo, nossos falsos pretextos e nossa ignorância voluntária de teus caminhos.

Responso: Ouve, Senhor, eu estou clamando, tem piedade de mim e me responde!

D: Perdoa-nos pelas vezes que temos empregado mal nosso tempo e nossos dons, por nossas desculpas e irresponsabilidade. Lamentamos profundamente nossa indisposição em vencer o mal com o bem e nossa relutância em carregar a cruz.

Responso: Ouve, Senhor, eu estou clamando, tem piedade de mim e me responde!

D: Perdoa-nos, pois não temos amado o nosso próximo nem nos importado com seu sofrimento e pecado. Muitas vezes que temos optado por cuidar apenas de nossos

próprios interesses. Temos julgado de forma leviana, com mais prontidão para condenar do que para perdoar.

Responso: Ouve, Senhor, eu estou clamando, tem piedade de mim e me responde!

- Afirmiação de Perdão

[O dirigente lê uma dessas passagens bíblicas: Jr 31,31-34; 1Jo 1,5, 7-9. Após a leitura, a comunidade responde]

T: Amém, graças sejam dadas a Deus!

Louvor

- Cântico de louvor
- Oração de louvor:

D: Pai, nós te louvamos porque tu nos deste nosso Senhor Jesus Cristo como mediador de um novo pacto. Dá-nos a graça de nos acolhermos uns aos outros, com plenitude de fé, e nos unirmos em perpetua aliança contigo, por Jesus Cristo, Nossa Senhor. Amém!

EDIFICAÇÃO

- Leitura do texto bíblico:
João 15,1-8
- [ou outro texto adequado]
- Mensagem

DEDICAÇÃO

- Cântico de dedicação
- Ato de Renovação do Pacto

Culto de
Renovação
do Pacto

D: E agora, amados irmãos e irmãs, unamo-nos voluntariamente a Deus e tomemos sobre nós o jugo de Cristo. Submissão a esse jugo significa que aquiescemos, com coração alegre, ao lugar e trabalho que Cristo nos designa e que o aceitamos como nossa única recompensa.

Cristo tem muitas tarefas a ser executadas; algumas são fáceis, outras difíceis; algumas se fazem acompanhar de honra, outras de humilhações; algumas são compatíveis com nossas inclinações naturais e nossos interesses temporais; outras são contrárias a ambos. Em algumas, poderemos agradar a Cristo e a nós mesmos; em outras, não poderemos agradar a Cristo, senão negando a nós mesmos. Todavia, o poder para realizar todas essas coisas nos é dado em Cristo, que nos fortalece.

Assim, preparados/as, consagremo-nos novamente ao Senhor, façamos nosso o pacto com Deus e, descanmando totalmente na sua graça e confiando nas suas promessas, decidamos jamais voltar atrás.

- Oração do Pacto [de joelhos]

D: Ó Senhor, Deus Santo, tu nos chamaste, por meio de Cristo, para participar neste pacto de tua graça. Agora, tomamos sobre nós, com alegria, a tua cruz. Comprometemo-nos, por amor a ti, a obedecer-te e a buscar tua perfeita vontade. Já não pertencemos a nós mesmos, mas a ti.

T: Senhor, a ti pertencemos.
Usa-nos para o que quiseres
e onde quiseres; seja para
cumprir alguma tarefa ou
para sofrer por causa do teu
nome; dispõe de nossa vida
ou dispensa-nos, conforme
o teu querer; exalta-nos ou
humilha-nos; enche-nos ou
despoja-nos; concede-nos

tudo ou deixa-nos sem nada.
Livremente e de todo o cora-
ção, nós nos submetemos à
tua vontade. E agora, glorioso
e bendito Deus, Pai, Filho e
Espírito Santo, tu és o nosso
único Deus e nós, o teu povo.
Assim seja! E que o Pacto que
firmamos na terra seja confir-
mado nos céus. Amém!

- Cântico Congregacional
[Sugestão: *Fortalece a tua Igreja* (HE, 204),
em atitude de oração;
a Ceia do Senhor poderá ser celebrada
após o Ato de Renovação do Pacto]

- Bênção Apostólica
- Poslúdio

Culto de
Renovação
do Pacto